Revista Macambira

Nós x eles: ensaio sobre estigma na atualidade

Paula Dioné Casais e Silva Machado[1]*, Elaine Pedreira Rabinovich[2]

RESUMO

A atual discussão sobre a problemática do bastardo acaba por igualar todas as formas de estigmatização, porém, apesar de os indivíduos estigmatizados apresentarem grande heterogeneidade entre si, todos trazem em comum certas características, sobre as quais o ensaio discorre. Tendo como base a questão do estigma enquanto desvio da norma, aborda-se a perspectiva da "diferença", que supostamente afasta os indivíduos estigmatizados dos demais (igualando todas as formas de estigmatização), e a perspectiva da "semelhança", que permite que as minorias se aproximem, na busca comum por organizar vozes a fim de debelar a exclusão e conquistar um objetivo compartilhado: o pertencimento. Argumenta-se que o estigma, além de meio concreto de materialização da dominação por meio da segregação, é também máquina de identidade coletiva potente, pois é determinante no processo de elaborar as características destacadas. Reflete-se ainda sobre a necessidade de combate à estigmatização, discutindo-se possíveis estratégias de enfrentamento.

Palavras-chave: Discriminação. Segregação. Pertencimento.

Us x them: stigma nowadays

ABSTRACT

The current discussion on the stigma of illegitimacy ends up equating all forms of stigmatization; however, despite the stigmatized individuals present great heterogeneity among themselves, they share certain characteristics. By placing stigma as a divergence from the social expectation, the perspective of "difference" is explored, which allegedly separates stigmatized individuals from others (equalizing all forms of stigmatization), and the perspective of "similarity", which allows minorities to unit, in the common search to organize their voices in order to overcome exclusion and achieve a shared objective: belonging. It is argued that stigma, in addition to being a concrete means of materializing domination through segregation, is also a powerful collective identity mechanism, as it a decisive role in the process of elaborating the highlighted characteristics. The study also reflects on the need to combat stigmatization, discussing possible coping strategies.

Keywords: Discrimination. Segregation. Belonging.

Nosotros x ellos: ensayo sobre el estigma em el presente

RESUMEN

La discusión actual sobre el problema del bastardo termina equiparando todas las formas de estigmatización; sin embargo, aunque los individuos estigmatizados presentan una gran heterogeneidad entre sí, todos tienen en común ciertas características, que el ensayo discute. A partir de la cuestión del estigma como desviación de la norma, se aborda la perspectiva de la "diferencia", que supuestamente aleja a los individuos estigmatizados de los demás (igualando todas las formas de estigmatización), y la perspectiva de la "semejanza", que permite que las minorías se unan, en la búsqueda común de voces organizadoras para superar la exclusión y lograr un objetivo compartido: pertenecer. Se argumenta que el estigma, además de ser un medio concreto de materialización de la dominación a través de la segregación, es también una poderosa máquina de identidad colectiva, ya que es determinante en el proceso de elaboración de las características destacadas. También se reflexiona sobre la necesidad de combatir la estigmatización, a discutir posibles estrategias de afrontamiento.

Palabras clave: Discriminación. Segregación. Pertenencia.

[1] Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSal). Médica psiquiatra no Hospital Universitário Professor Edgard Santos (HUPES - UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. ORCID: http://orcid.org/0009-0008-1079-9561. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9419161816843810. *Autora correspondente: pauladioneh@gmail.com.

[2] Psicóloga Clínica. Pós-Doutora em Psicologia e História pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Psicologia Social (USP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Família, (Auto)Biografia e Poética (FABeP-UCSal). Docente adjunta da Universidade Católica do Salvador (UCSal), Salvador, Bahia, Brasil. ORCID: http://orcid.org/0000-0002-3048-6609. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1594550972937138. E-mail: elaine.rabinovich@pro.ucsal.br.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.

INTRODUÇÃO: DO ESTIGMA SOCIAL AO ESTIGMA INTERNALIZADO

A atual discussão sobre a "problemática do bastardo" afirma: todas as formas de estigmatização se igualam. A bastardia, no contexto em questão, surge enquanto representação da ilegitimidade, uma ruptura no tecido da normalidade; a figura marcante do bastardo transgride, ao passo que reafirma, a sacralidade da instituição tradicional (Sant'anna, 2016). Segundo Eiguer (2019), o termo *estigma* significa rejeição e marginalização, o que desencadeia culpa e vergonha em quem o porta, além de piedade ou desprezo em quem está diante dele. Dessa forma, apesar de os indivíduos estigmatizados (mulheres, negros, idosos, pessoas com transtornos mentais, comunidade LGBTQIA+) apresentarem grande heterogeneidade entre si, todos teriam em comum um certo "saldo intrassubjetivo" (Laplange; Pontalis, 2001).

O saldo a que nos referimos no parágrafo anterior remete às consequências da discriminação e da segregação sofridas; o amor-próprio e a crença em si mesmo declinariam de tal maneira a ponto de um eventual devotamento por parte do outro ser interpretado como "caridade" (Eiguer, 2019). Preencher com inúmeros significados realidades sobre as quais não temos conhecimento suficiente e atribuir valores a determinadas características, diminuindo outras, perpetua estigmas e contribui para inferiorizar muitos comparativamente a outros (Elias; Scotson, 2000). Nesse contexto, pessoas que percebem que pertencem a uma categoria socialmente desvalorizada tendem a antecipar a discriminação, fazendo jus ao processo denominado "estigma internalizado", que ocorre à medida que o indivíduo se torna consciente de sua condição e do estigma associado a essa condição, passando a aplicar os estereótipos negativos a si próprio (Corrigan; Watson, 2002).

Além do prejuízo diretamente causado à autoestima (conceito que traduz o entendimento de si mesmo enquanto alguém amável, competente, moralmente valioso e capaz de conduzir com sucesso a própria vida), a internalização do estigma conduz a um ciclo vicioso, pois o dano causado às relações sociais reforça o isolamento social do indivíduo, deixando-o hesitante quanto à possibilidade de busca de ajuda profissional (Verhaeghe; Bracke; Bruynooghe, 2008). Através desse viés, portanto, é possível perceber o quanto o impacto negativo da estigmatização compromete aspectos psicossociais e reverbera no funcionamento social do indivíduo, em fatores como esperança e sentimento de autoeficácia (Corrigan; Wassel, 2008).

Apesar de haver esse ponto de interseção chamado "saldo intrassubjetivo", vale lembrar que o estigma, como toda construção social, varia de acordo com o período histórico e a cultura (Ainlay; Coleman; Becker, 1986). Os atributos particulares que passam a ser

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081025, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.

entendidos enquanto capazes de desqualificar pessoas variam conforme o contexto, em dependência dos acontecimentos históricos, políticos e econômicos de cada situação social. O estigma nasce do "desvio", ou seja, do comportamento que se afasta das normas admitidas pelo grupo social dominante (Becker, 1963); a construção de intenções do grupo hegemônico implica o desenho de sentidos, que poderão ser realizados conforme seu nível de influência social, gerando efeitos sobre as pessoas e a sociedade (Melo; Monteiro, 2021).

Retomando a noção de ilegitimidade, esta enquanto fato social – maneiras de agir, pensar e sentir externas ao indivíduo que são investidas de um poder coercivo sobre ele (Durkheim, 1982) – dialoga com o conceito de tabu de Freud, entendendo que o tabu representa desejos poderosos que devem ser reprimidos e, por conta dessa urgência em reprimir tais impulsos de transgressão, as pessoas podem desenvolver forte aversão contra seus próprios desejos (Freud, 2013). Tendo como base a questão do estigma enquanto "desvio", os fatores envolvidos no entendimento sobre o que "afasta" ou "aproxima" os indivíduos estigmatizados serão melhor explorados a seguir. Por fim, argumenta-se que o estigma, além de meio concreto de materialização da dominação por meio da segregação, é também uma máquina de identidade coletiva potente.

DISCORRENDO SOBRE AS "DIFERENÇAS": COMO TODAS AS FORMAS DE ESTIGMATIZAÇÃO SE IGUALAM?

Sob a perspectiva da diferença, Goffman (1980) aponta a existência de três grandes grupos estigmatizados: (1) os portadores de deficiências físicas; (2) os indivíduos com caráter tido como anormal ou "vontade fraca" (pessoas com doenças mentais, criminosos, prostitutas, homossexuais...); e, por fim, (3) os indivíduos pertencentes aos chamados "grupos tribais", ligados a certas raças, etnias ou religiões. Uma concepção semelhante sobre esses indivíduos os levaria a serem taxados como desviantes e enquadrados como "delinquentes" (Melo; Monteiro, 2021). Assim, como trazido por Siqueira e Cardoso (2011), a respeito da obra de Goffman, em todas essas tipologias, pode-se encontrar a mesma característica sociológica, um traço que se impõe (o desvio) e "afasta" o indivíduo, impossibilitando que outros atributos seus possam receber atenção.

O bloqueio à possibilidade de expressão de suas qualidades e a repercussão desse fenômeno é algo abordado por Eiguer (2019), para o qual o estigmatizado espera muito do ambiente humano que o cerca, aspirando ser reconhecido, levado em conta e, um dia, considerado um semelhante. Problematizando as repercussões do estigma sobre os ideais pessoais e familiares, o autor faz uma provocação questionando por que damos tanto crédito ao que os outros pensam de nós. Nesse sentido, todos os que compartilham do "saldo

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081025, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.

intrassubjetivo", a que nos referimos anteriormente, estariam, de um lado, afastados cada qual por sua característica estigmatizante, porém aliados na dor do apagamento de sua individualidade.

Vale lembrar que, conforme recorda Machado (2023), a sociedade contemporânea repudia em graus diferentes determinados comportamentos discriminatórios; verifica-se, por exemplo, que manifestações de preconceito baseado em questões raciais já encontram uma repercussão social muito maior que aquelas ligadas à diversidade sexual (Pennings, 2011). A mesma tese recorda também que, apesar de haver uma tendência a deduzir-se que o preconceito frente a grupos minoritários tenha diminuído ao longo do tempo, devido a aspectos relacionados à transformação de contextos sociais, na prática, constata-se que o estigma segue existindo, sob uma forma de expressão nova, sendo denominado na literatura como "preconceito sutil" ou "moderno" (Gouveia; Fonseca; Milfont; Fischer, 2011). Com esse entendimento, compreende-se que muitas pessoas deixam de expressar comportamentos discriminatórios frente a indivíduos estigmatizados não devido às mudanças em suas convicções, mas apenas porque perceberam que é socialmente embaraçoso emitir publicamente seu preconceito frente às ditas "minorias" (Gouveia, 2016).

DISCORRENDO SOBRE AS "SEMELHANÇAS": COMO TODAS AS "MINORIAS" SE APROXIMAM?

A composição das sociedades tradicionais se caracterizou pela estabilidade na distribuição de papéis sociais, enquanto sociedades pós-modernas já não apresentaram essa clareza; diferentes momentos históricos contribuíram para fragilizar as narrativas sociais em circulação, com movimentos que contribuíram para intensificar as discussões em torno da construção de diferentes espaços sociais, a exemplo do Movimento pelos Direitos Civis de Negros nos EUA[3] e o Maio de 1968 na França[4]. Esses episódios, bem como práticas do movimento feminista e do ativismo LGBTQIA+, têm em comum a busca por organizar vozes a fim de debelar a exclusão e conquistar um objetivo compartilhado: o pertencimento (Mathias, 2023).

Deve-se ressaltar que a necessidade de pertencimento não se restringe a grupos minoritários, sendo este um anseio que parece caracterizar a condição humana. Hipotetiza-se que seu início se dá na relação entre mãe e bebê e repete-se infinitamente nas diferentes modalidades de interação, numa busca constante pela confirmação do afeto irradiado pela figura materna, agora irradiável na figura do Outro. Dessa forma, a busca por uma certa

[3] Contestações e protestos ocorridos entre os anos 50 e 70, visando abolir a segregação racial.
[4] Conjunto de reinvindicações iniciadas em Paris visando democratização e acesso a direitos.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081025, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.

ressonância se repete, e se determinados fatores não são atendidos, desencadeia-se a sensação de exclusão e, com isso, a negação desse recurso existencial mor que é o pertencimento (Mathias, 2023).

Indo além nesse entendimento que posiciona o pertencimento enquanto um recurso social, observa-se que os grupos dominantes são justamente aqueles que, nas diferentes esferas da concretização existencial, reúnem a maior quantidade de atenção em sua direção, além de definir as regras do jogo para aquilo que é considerado merecedor desse investimento cognitivo. Os atores sociais que melhor se enquadram nas regras dos grupos dominantes ampliam suas chances de aumentar sua sensação de pertencimento, enquanto grupos minoritários são mais vulneráveis a refletir/problematizar sobre o tema, quando expostos à rejeição (sobretudo repetidamente). Trata-se, portanto, de um jogo social de "negociação" que tem como objeto um recurso central para a existência humana (Mathias, 2023).

O pertencimento é algo significativo por remeter ao anseio humano de encontrar um lugar no mundo, criar raízes não no sentido propriamente espacial, mas sobretudo num projeto de vida ou numa forma de ser. Fazendo menção ao estudo de Antonsich (2010), Mathias (2023) pontua que, assim como uma casa é capaz de proteger o sujeito das intempéries do ambiente externo, o pertencimento abriga o sujeito das intempéries da contingência, isto é, daquela ausência de causalidade que ameaça a estabilidade psíquica. Uma vez criado e em exercício um certo abrigo existencial, permite-se ao sujeito investir mais energia na construção das narrativas às quais atribui importância, o que possibilita fruir melhor de seu propósito de vida.

Para ilustrar a relevância da sensação de pertencimento na vida do ser humano, fica posta uma tradução livre do refrão da conhecida canção *Fast Car*, de Tracy Chapman (1988); pode-se afirmar que a menção ao pertencimento está localizada no refrão justamente devido ao forte apelo emocional desta temática, que tende a impactar qualquer pessoa:

> Eu me lembro de quando estávamos dirigindo, dirigindo seu carro. Em tão alta velocidade que senti como se estivesse bêbada. As luzes da cidade se acendiam diante de nós. E seu braço ao redor do meu ombro me dava uma sensação boa. Eu tive a sensação de que pertencia. Eu tive a sensação de que poderia ser alguém (Chapman, 1988, não paginado.)[5].

À guisa de fechamento da proposta de discutir sobre o que aproxima as minorias do ponto de vista do pertencimento, cabe recordar que o próprio conceito de diversidade, sempre ligado às diferentes pertenças grupais, pode eventualmente escamotear a noção de desigualdade, quando leva a uma compreensão das diferenças entre os indivíduos como algo

[5] I remembre we were driving, driving in your car. Speed so fast, I felt like I was drunk, city lights laid out before us. And your arm felt nice wrapped around my shoulder. I had a feeling that I belonged, I had a feeling I could be someone.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081025, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.

naturalizado, sendo na realidade resultado de processos históricos de discriminação e preconceito (Freitas; Ésther; Santos, 2023). Entre outros olhares, a diversidade também pode ser vista como um reflexo das relações de poder que estigmatizam pessoas e grupos sociais, conferindo-lhes uma identidade estigmatizada (Oliven, 2007). Em suma, a diferença que é colocada entre homens e mulheres, heterossexuais e homossexuais, entre outros, foi construída e determinada socialmente por meio de práticas de controle que, explícita ou implicitamente, produziram reflexos nas relações entre as pessoas e contribuíram para a conservação de conceitos, perpetuando a intensidade da desigualdade (Vianna, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS: TODOS OS GUETOS SÃO SEGREGADOS, MAS NEM TODAS AS ÁREAS SEGREGADAS SÃO GUETOS

Um contraponto interessante sobre o impacto do estigma internalizado é trazido em Watson, Corrigan, Patrick e Sells (2007); no estudo, ponderou-se que a identificação com um grupo de pessoas estigmatizadas pode vir a servir como proteção, reduzindo a conformidade com o estereótipo e diminuindo a sua autoaplicação. Também o entendimento de autoproteção aparece nos estudos que visam compreender o "comportamento de gueto", conceituando-se o "gueto" enquanto produto de uma dialética tensa entre a hostilidade externa e a afinidade interna (do grupo hostilizado), que se expressa como uma ambivalência no consciente coletivo (Wacquant, 2004). Para que um gueto surja, o confinamento espacial deve ser imposto e deve revestir-se de uma série de instituições bem definidas e replicáveis, de maneira semelhante ao que se observa no fenômeno de estigmatização, em que não existe escolha quanto a ser ou não portador da condição considerada problemática, além da replicabilidade daquele entendimento por parte dos sujeitos que segregam e mesmo dos sujeitos que são segregados.

Discorrendo a respeito da experiência acadêmica de estudantes com diversas orientações sexuais e identidades de gênero, Silva (2020) menciona que a principal questão que aparece em seu trabalho é a transformação do estigma em orgulho e as consequências disso nas vidas afetivo-sexual dos participantes, que passam a vivenciar suas questões não apenas em espaços privados, mas em locais públicos, sobretudo a universidade. Novamente, a possibilidade de "transformar o estigma em orgulho" faz lembrar que o "gueto" (o estigma enfim) não é apenas meio concreto de materialização da dominação por meio da segregação, mas também uma máquina de identidade coletiva potente, pois é determinante no processo de incrustar e elaborar as características destacadas (Wacquant, 2004).

Para além dos mecanismos para defender-se encontrados pelas próprias pessoas estigmatizadas, o combate à estigmatização também se faz necessário, abrangendo medidas

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081025, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.

pedagógicas que transformem crenças e atitudes sociais, além de ações no âmbito legislativo e judicial quanto a práticas discriminatórias (Melo; Monteiro, 2021). Conforme recordam Freitas Ésther e Santos (2023), é fundamental o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e a desconstrução de elementos sócio-históricos que levaram à superioridade de alguns grupos e à inferiorização e invisibilidade de outros. O bom convívio com as diferenças assenta-se no reconhecimento da intrínseca dignidade humana, isto é, no valor próprio de cada ser humano que o torna merecedor de absoluto respeito (Godoi; Garrafa, 2014). A compreensão da especificidade de determinados traços ou comportamentos na perspectiva de cada história de vida, bem como do valor inestimável da individualidade, poderá conduzir a sociedade a avanços em termos do que vem a ser fratria, pensando em um coletivo sem desprivilegiar a particularidade.

REFERÊNCIAS

AINLAY, Stephen; COLEMAN, Lerita; BECKER, Gaylene (Eds.). The Dilemma of Difference: A Multidisciplinary View of Stigma. New York: Plenum, 1986. p. 1-13.

ANTONSICH, Marco. Searching for Belonging – An Analytical Framework. **Geography Compass**, v. 4, n. 6, pg 644-659, 2010. DOI: https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2009.00317.x.

BECKER, Howard. **Outsiders**: **estudo da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar; 2008.

CHAPMAN, Tracy. Fast Car. Single do álbum **"Talkin' about revolution",** 1988.

CORRIGAN, Patrick; WASSEL, Abigail. Understanding and influencing the stigma of mental illness. **J Psycho Nurs Ment Health Service**, v. 46, n.1, pg 42-48, 2008. DOI: https://doi.org/10.3928/02793695-20080101-04.

CORRIGAN, Patrick; WATSON, Amy. Understanding the impact of stigma on people with mental illness. **World Psychiatry**, v.1, n.1., pg 16-20, 2002. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1489832/. Acesso em: 10/07/24.

DIONEI, Mathias. Pertencimento: discussão teórica. Alea, v. 25, n. 1, p. 166-187, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1517-106X/202325110. Acesso em: 20 ago. 2024.

DURKHEIM, Emile. **The Rules of Sociological Method**. New York: The Free Press, 1982.

EIGUER, Alberto. O estigma e o ódio contra si mesmo. **Rev. Brasileira de psicanálise**, v.53, n.1, p.19-31, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v53n1/v53n1a03.pdf. Acesso em: 10/07/24.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Ed. Zahar, 2000.

FAST Car. Intérprete: Tracy Chapman. Compositora: Tracy Chapman. *In*: TALKIN' **about revolution**. Intérprete: Tracy Chapman. [*S. l.*]: Elektra Records, 1988. 1 CD.

FREITAS, Marina; ÉSTHER, Angelo; SANTOS, Joelma. Diversidade, estigmatização e pertencimento no contexto universitário. **Caderno de Pesquisa**, v. 53, 2023. DOI: https://doi.org/10.1590/198053149940.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

GODOI, Alcinda; GARRAFA, Volnei. Leitura bioética do princípio de não discriminação e não estigmatização. **Saude Soc,** v. 23, n. 1, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000100012

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

GOUVEIA, Valdinei. Introdução à teoria funcionalista dos valores. In: GOUVEIA, Valdinei (Ed.), **Teoria funcionalista dos valores humanos**: Áreas de estudo e aplicações. São Paulo: Vetor, 2016.

GOUVEIA, Valdinei; FONSECA, Patrícia; MILFONT, Taciano; FISCHER, Ronald. Valores humanos: contribuições e perspectivas teóricas. *In:* TORRES, C.V.; NEIVA, E.R. (Eds.), **Psicologia social**: Principais temas e vertentes. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulaire de la psychanalyse**. Paris: PUF, 1967.

MACHADO, Paula. Resiliência familiar: a experiência dos casais homoafetivos face aos desafios da parentalidade. **Dissertação** (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea), Universidade Católica do Salvador: Salvador, 2023.

MELO, Kleber; MONTEIRO, Pedro. Discriminação e estigma na Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. **Rev Bioética**, v. 29, n.4, pg 756-762, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-80422021294509.

OLIVEN, Arabela. Ações afirmativas nas universidades brasileiras: Uma questão política, um desafio pedagógico. In: Franco, M. E. D. P.; Krahe, E. D. (Orgs.). **Pedagogia universitária e áreas de conhecimento**. RIES/PRONEX: EdiPucrs, 2007.

PENNINGS, Guido. Evaluating the welfare of the child in same-sex families. **Human Reproduction**, v. 26, n. 7, p. 1609-1615, 2011. DOI: https://doi.org/10.1093/humrep/der109

SANT'ANNA, Fernanda. A dor sedimentosa e a catástrofe do existir: bastardia, desamparo e angústia em Frankstein de Mary Shelley. **Anais do XV ABRALIC**, 2016.

SILVA, Elder. A transformação do estigma em orgulho: redes de sociabilidade LGBT na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Rev. Estudos Universitários,** v. 46, n. 2, pg 409-424, 2020. DOI: https://doi.org/10.22484/2177-5788.2020v46n2p409-424.

SIQUEIRA, Ranyella; CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, v.2, n.1, 2011. Disponível em: http://acervodigital.unesp.br/handle/11449/127032. Acesso em: 10/07/24.

VERHAEGHE, Mieke; BRACKE, Piet; BRUYNOOGHE, Kevin. Stigmatization and self-steem of persons in recovery from mental illness: the role of peer support. **Int J Soc Psychiatry**, v. 54, n.3, pg 206-218, 2008. DOI: https://doi.org/10.1177/0020764008090422.

VIANNA, Claudia. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: Perdas, ganhos e desafios. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n.3, pg 791-806, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/s1517-97022015031914.

WACQUANT, Loic. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Rev Sociol Polit,** v. 23, pg 155-164, 2004. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-44782004000200014.

WATSON, Amy; CORRIGAN, Patrick; LARSON, Jonathon; SELLS, Molly. Self-stigma in people with mental illness. **Schizophrenia Bulletin**, v.33, n.6, pg 1312-1318, 2007. DOI: https://doi.org/10.1093/schbul/sbl076.

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 07/06/2024 **Aceito em**: 07/07/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 06/07/2024 **Accepted in**: 07/07/2024 **Published on**: 09/30/2024
Contribuições de Autoria *Resumo*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Introdução*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Referencial teórico*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Conclusão*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Referências*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Revisão do manuscrito*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Aprovação da versão final*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich.	**Author Contributions** *Abstract/Resumen*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreir Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Theoretical Reference*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich *Data analysis*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich *Discussion of results*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Conclusion*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *References*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Manuscript review*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich. *Approval of the final published version*: Paula Dioné Casais e Silva Machado, Elaine Pedreira Rabinovich.
Conflitos de Interesse As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The authors declare that there is no conflict of interest of a personal, commercial, academic, political or financial nature regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT MACHADO, Paula Dioné Casais e Silva; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Nós x eles: ensaio sobre estigma na atualidade. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081025, jan./dez., 2023. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.	**How to cite this article - ABNT** MACHADO, Paula Dioné Casais e Silva; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Us x them: stigma nowadays. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081025, jan./dez., 2023. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1402.
Licença de Uso A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	**Use license** The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.